

Sérgio Buarque de Holanda

Opiniões do historiador sobre o Brasil de 80

Para o historiador Sérgio Buarque de Holanda, 78 anos, recentemente contemplado com o Prêmio Juca Pato, no Brasil da década de 80, continua predominando o elitismo, tanto na cultura, quanto na política, repetindo o passado do País. Em entrevista exclusiva, ele fala da Guerra do Paraguai, da legalização do Partido Comunista, do extinto Partido Socialista Brasileiro - que ele integrou juntamente com o escritor e irmão do presidente Figueiredo, Guilherme Figueiredo -, do Partido dos Trabalhadores e o considera como *frágil abertura*.

Sérgio Buarque entende que somente um pequeno grupo decide as coisas no País. Por isso mesmo, ele defende o voto do analfabeto, por considerar que demorará tempo demais para que os analfabetos se alfabetizem, para poderem participar do processo político brasileiro. Ele defende o que classifica de ascensão popular: a abertura de possibilidades para todos.

O historiador entende que não se deve *cobrar* posições políticas a escritores, e sublinha que a cultura brasileira, desde a Descoberta, esteve subordinada a padrões culturais estrangeiros: primeiro o português, depois o francês e agora o americano. Mas, ele vaticina que dentro do *boom* da literatura latino-americana, será possível colocar a brasileira também em primeiro plano. É crítica, sutilmente, ao sociólogo Gilberto Freyre, lembrando que no livro *Casa Grande & Senzala*, ele concedeu importância bem maior à casa grande que a senzala (Primeira página do Caderno C).

Diário do Grande ABC

Sto André

22, n. 4257

13.04.1980.

Sérgio Buarque de Holanda:

Aleksandar JOVANOVIĆ

-O elitismo predomina na cultura brasileira, desde o princípio. Nem mesmo a Semana de Arte de 22 que nos obrigou a uma ensimesmação, a uma volta ao País - pensava em acabar com este elitismo.

- O analfabeto deve votar, porque se se aguardar que todos os analfabetos aprendam a ler e escrever, a participação política das massas demorará muito no Brasil.

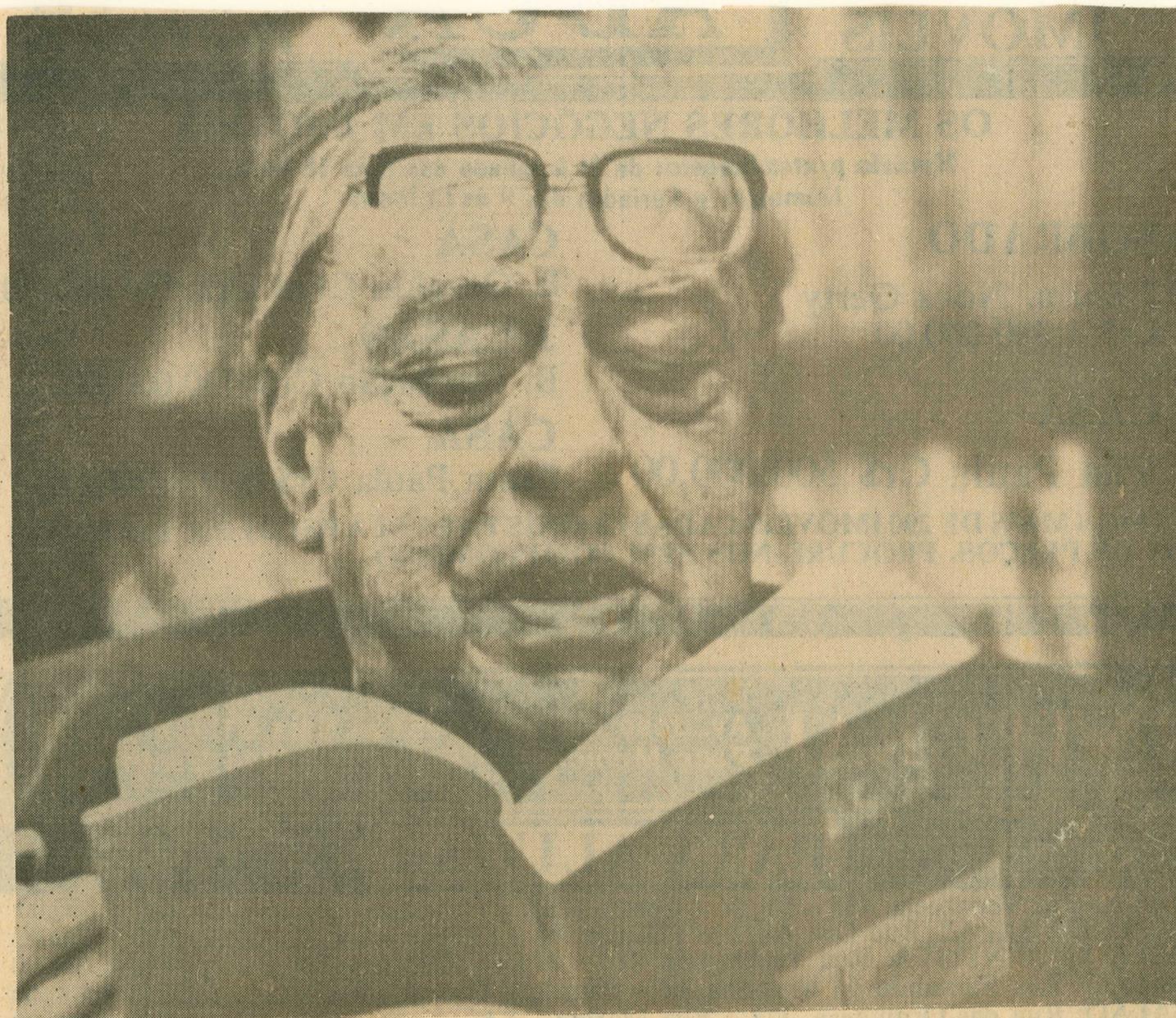
-A melhor forma de acabar com o Partido Comunista é através de sua legalização: ele mostraria que não tem força alguma. A exemplo do que já ocorreu depois de 1945.

-Somente um pequeno grupo decide as coisas no País. Antes de escolhido, pouca gente sabia quem era o general Figueiredo.

-A participação popular deve ser defendida, a ascensão das grandes massas, sempre afastadas dos centros de decisão.

-A historiografia oficial apresenta tudo como um retrato cor-de-rosa, mas nem tudo é assim. Houve problemas no passado. Na Guerra do Paraguai, quem pode ser considerado herói é o povo paraguaio, que resistiu cinco anos à guerra movida pelos aliados...

Estas algumas das opiniões que o historiador Sérgio Buarque de Holanda exprime durante entrevista exclusiva, em sua residência, a respeito dos problemas nacionais, do papel do escritor, da cultura brasileira, do futuro político.



No Brasil de 80, elitismo ainda predomina, na cultura e na política. Exatamente como no passado

Aos 78 anos, depois de ter sido um dos participantes da revista *Estética* - contemporânea da *Klaxon*, editada por ocasião da Semana de Arte de 22 - juntamente com Prudente de Moraes, neto, de ter regido diversas cadeiras em universidades do País, dar aulas em inúmeras faculdades do mundo, 44 anos depois da publicação de seu primeiro livro - *Raízes do Brasil* - e logo depois de ser agraciado com o Prêmio Juca Pato, o historiador Sergio Buarque de Holanda sentenciou:

"A missão do escritor no Brasil é difícil. É um avanço significativo que o escritor possa exprimir os anseios do povo, mas ele não deve ficar nisso. Seria melhor se ele pudesse representar estes anseios, ir além..."

Ele consegue conversar horas a fio, citando pormenores, datas, nomes, circunstâncias sobre a História do Brasil, matéria que lecionou durante décadas. Em seu velho casarão no Pacaembu uma velha e enorme construção rodeada por um jardim natural, e dentro de casa, livros por toda a parte - Buarque de Holanda afirma que sua preocupação com os problemas atuais é tão intensa quanto a busca do passado do País.

"A participação popular no Brasil é muito pequena e sempre foi assim... O povo nunca toma parte nas grandes decisões. É isso que precisa mudar".

No entanto, Sérgio Buarque de Holanda não concorda com a tese de que o escritor obrigatoriamente deve estar engajado sob o ponto de vista político. Acha que isso deve ser uma opção individual e natural e até chega a condenar aqueles que cobram posições do escritor.

Sua visão da cultura brasileira, depois de ter escrito nada menos que 14 obras, entre as quais *História Geral da Civilização Brasileira*?

Simples: ele entende que a cultura do Brasil sempre foi elitista. É além disto, sempre presa a um modelo estrangeiro. Primeiro, na fase exclusivamente colonial, o modelo português. Depois, o francês, finalmente, o americano.

"Mas é curioso notar que no Império o nosso modelo político era o inglês, a despeito de tudo. Os dois partidos, o modo até de os políticos falarem, tudo enfim".

Ele vaticina que a exemplo do que já está ocorrendo com a literatura latino-americana em geral, de estar passando por um *boom* internacional. Até mesmo pode conseguir influenciar outras culturas, a literatura brasileira. Entre os grandes escritores nacionais que ele diz admirar cita Mário de Andrade, de quem chegou a ser contemporâneo na mocidade. Guimarães Rosa (cuja obra reconhece, é difícil demais para ser vertida para outras línguas), Caio Prado Júnior e Gilberto Freyre ou ainda o poeta Ferreira Gullar. Sergio Buarque de Holanda sublinha que o livro *Casa Grande & Senzala* foi uma "novidade muito importante no País", mas condena a obra de Freyre na medida em que "concede maior importância à casa grande que à senzala."

O Prêmio Juca Pato? Além de ressaltar que votou no concorrente, o romancista Fernando Sabino, o historiador se diz envaidecido com o prêmio. Diz que ficou grato, mas lembra que desde o início foi contra a concessão, embora várias pessoas tenham lembrado de seu nome, várias vezes.

"Fiquei satisfeito, afinal, porque pessoas ilustres ganharam o prêmio, no passado, como Sobral Pinto, Caio Prado Jr..."

Heróis: os paraguaios

A guerra do Paraguai entra na conversa e Sérgio Buarque de Holanda, conhecedor dos pormenores de passado, brasileiro, logo ressaltou:

"A historiografia oficial diz que tudo sempre foi bem, muito bem. Mas, há muita coisa que se esconde. Na Guerra do Paraguai os heróis mesmo foram os paraguaios, que resistiram durante cinco anos aos exércitos aliados, mas isso ninguém fala."

Ela discorda da mais recente tese dos brazilianistas (trata-se da obra *Genocídio Americano*, de Chiavinato), de que os brasileiros teriam cometido verdadeiro massacre contra a população civil paraguaia no transcurso da guerra. E recorda que Solano Lopez era, na verdade, uma espécie de megalomaniaco, que desejava ver-se transformado numa repetição latino-americana de Napoleão Bonaparte. Desta forma, conduziu seu povo à guerra, à morte e à derrota.

"Ao meu entender, a Guerra do Paraguai poderia ter parado com a vitória em Riachuelo. Mas, não! O imperador disse que queria Solano Lopez vivo ou morto e por isso o País teve de fazer a guerra, a qualquer custo, até mesmo alforriando escravos para enviá-los ao Paraguai".

Para exemplificar a que ponto os paraguaios deviam estar fanatizados na época de Solano Lopez, o historiador lembra a obra de Hector Varela, um argentino que andou pelo Paraguai na época da guerra, e que cita uma frase do ditador vizinho, segundo a qual o paraguaio não somente era o melhor soldado do mundo, como também batia nos exércitos do Brasil, Argentina e Uruguai e até da Bolívia "si se metieren a sonsos".

SBH
V. 218-94
314

Ele reconhece que existem várias restrições ao ensino de História, até a nível universitário. Mas, lembra sobretudo que o maior problema é a supressão dos currículos separados de História e Geografia e sua incorporação numa disciplina chamada Estudos Sociais, nos cursos de 1º e 2º Graus. "É um cadinho para tudo: A pessoa acaba não aprendendo nada..."

No PSB, os intelectuais

Sergio Buarque foi um dos fundadores do Partido Socialista Brasileiro, depois da queda do Estado Novo, juntamente com o escritor Guilherme de Figueiredo (irmão do general João Batista de Figueiredo), o poeta Manuel Bandeira, o crítico literário Antonio Cândido, o ex-ministro da Justiça de Jânio Quadros, Oscar Pedrosa Horta. Esta a sua faceta de homem engajado na vida política, que ele lembra, mas com certo desânimo:

"A linguagem do partido não atingiu a grande massa. Era a chamada *esquerda democrática*, era um partido cheio de intelectuais. Talvez, fosse organizado hoje, teria maior sucesso".

Ele pediu aposentadoria, em 1969, no dia seguinte às primeiras punições contra seus colegas professores universitários, afastados pelo AI-5. Mas, considera que não foi nenhum ato de heroísmo:

"Tinha tempo de serviço, não perdia nada monetariamente... Mas, achei que era meu dever".

PC deve ser livre

O Partido Comunista deve ser legalizado, entende o escritor e historiador paulista, porque desta forma a legenda mostraria sua real força.

"Luiz Carlos Prestes foi eleito ao Senado, em 1946, com 600 mil votos, uma soma expressiva na época, devido à auréola toda. Afinal, era a Coluna Prestes, a prisão e tudo. Mas, depois, o partido foi perdendo força, cada vez mais.

Deixar o PC funcionar seria a melhor forma para acabar com ele, sentença ainda o historiador, para quem o *partidão* acabou servindo no País como *bode expiatório* para todos os males. "Certamente não seria uma força política importante", garante o escritor.

Por que a fobia ao comunismo? O historiador lembra que o próprio Estado Novo

acabou surgindo com base num documento falso e atribuído aos comunistas - *Relatório Cohen* - mas que o general Góis Monteiro, depois, em suas memórias, reconheceu a trama toda.

"Isso já não pega mais, depois de tudo o que passou"

A frágil abertura

“Esta abertura é muito frágil. O governo foi forçado a voltar atrás, pelas pressões internas e externas. As medidas vêm a conta-gotas. Pode ser que o presidente Figueiredo tenha boas intenções e não possa ir além”.

É assim que o historiador inicia o diálogo sobre o problema político do País hoje. E de imediato recorda que os presidentes Castelo Branco e Costa e Silva também prometeram a democracia, a abertura. “Este já faz a abertura aparente como meio de conter a abertura. Basta ver a burla do Projeto Lobão, porque pela última experiência eleitoral, o governo sabe que perde novo voto. O governo ganha onde não há grande consciência política”.

Mas, o professor Buarque de Holanda faz uma tímida advertência: “Na medida em que o governo não ceder às pressões e desejar manter-se no poder, a todo custo, o quadro pode agravar-se. De vez em quando, acontece uma explosão, como em Rio Claro, em Santa Catarina”...

Sobre o governo de São Paulo ele já tem opiniões mais incisivas: entende que o governador Maluf “não dura muito”. E lembra que são as “perspectivas políticas do governador que deixam margem ao pessimismo”.

Minorias decidem

Sérgio Buarque assegura que no Brasil a participação popular sempre foi muito pequena, pequena mesmo. Ele começa a citar a proclamação da Independência, depois a Revolução de 30 ou a de 64. “O povo não toma parte. Quem faz isso é uma pequena minoria. É sempre briga de família. Sempre aparece um amigo do primo e enfim mantêm-se as mesmas pessoas no poder”.

Qual a aspiração política do cidadão Sérgio Buarque de Holanda, hoje?

“O que queremos é a ascensão popular. Abrir possibilidades para todos. Até o voto para o analfabeto. Eu sou favorável, porque até todos ao se alfabetizarem”...

Mas, ele adverte para um fato: o Brasil mudou muito nos últimos anos. E cita, como exemplo, que a própria televisão exerceu influência decisiva neste fator de mudança. Por isto mesmo, entende que “pode haver uma reação para mudar o quadro político, social e econômico”. Mas, condiciona a reação às pessoas que participam desta tentativa.

PT, só com trabalhador

O historiador apóia a tese de criação do Partido dos Trabalhadores e de imediato faz graça devido a uma frase do jornalista Samuel Wainer, que o classificou de *santo*, por ter comparecido à reunião do PT, no Colégio Sion, em São Paulo:

—Agora, eu espero a vinda do Papa João Paulo II ao Brasil e vamos ver se ele confirma. Aí vamos ser o Anchieta e eu... canonizados...

Enfim, o professor vê “com muito interesse” a tese do PT por uma razão simples: porque o trabalhador é ainda uma massa que não tem voz no País. Mas, ele adverte que o sucesso do PT está condicionado proporcionalmente ao sucesso de suas lideranças, porque o partido será aceito junto às massas operárias na medida em que seus líderes souberem impor-se à estas mesmas massas...